

## OS EFEITOS DO MEDO DO CRIME NA ROTINA DE UMA ESCOLA DA PERIFERIA DE BELÉM-PA

Ana Sílvia Gonçalves da Costa  
Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano pela Universidade da Amazônia – UNAMA.  
Professora do Ensino Médio Estadual. Belém-PA  
silvianitacosta@hotmail.com

Rosália do Socorro da Silva Corrêa  
Doutora em Sociologia, professora e pesquisadora do Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano da Universidade da Amazônia - UNAMA. Belém-PA  
rosallyaco@gmail.com

### RESUMO

O estudo apresenta parte do resultado referente à pesquisa que levantou dados sobre a criminalidade do entorno de uma escola na periferia de Belém-PA e identificou os efeitos que o sentimento de medo provocou na rotina da escola. O objetivo foi verificar as possíveis alterações pedagógicas causadas pelo medo do crime e os prejuízos para a comunidade escolar. O procedimento metodológico incluiu pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, aplicação de entrevistas semiestruturadas, realização de grupos focais e análise qualitativa dos dados, com o acréscimo das estatísticas criminais. O resultado indicou que o sentimento de medo alterou a rotina da escola e causou prejuízos para o processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Criminalidade. Medo do crime. Processo de ensino-aprendizagem.

### 1 INTRODUÇÃO

O medo do crime está ocupando lugar de destaque nos debates que buscam compreender a complexidade da violência e da criminalidade, que se alastram num ritmo crescente e diversificado, e constituem as principais causas desse sentimento.

Bauman (2008) denominou de ‘medo derivado’ aquele sentimento que decorre da percepção do risco e declarou que se trata de “[...] uma estrutura mental estável que pode ser descrita como o sentimento de ser suscetível ao perigo; uma sensação de insegurança [...]” (BAUMAN, 2008, p. 9). Esse medo não está necessariamente vinculado aos perigos<sup>1</sup>, que possivelmente poderiam justificá-lo. As pessoas, às quais o medo derivado aflige, sentem-se inseguras e vulneráveis, porque o medo que

---

<sup>1</sup> Os perigos dos quais se tem medo (e também os medos derivados) podem ser de três tipos. Alguns ameaçam o corpo as propriedades. Outros são de natureza mais geral, ameaçando a durabilidade da ordem social e a confiabilidade nela, da qual depende a segurança do sustento (renda, emprego) ou mesmo da sobrevivência no caso de invalidez ou velhice. Depois vêm os perigos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo – a posição na hierarquia social, a identidade (de classe, de gênero, étnica, religiosa) e, de modo mais geral, a imunidade à degradação e à exclusão social. (BAUMAN, 2008, p. 10)

---

<sup>2</sup> Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 11, n. 1, p. 115-131, jan/jul, 2018.

---

sentem não está pautado nas ameaças reais, mas na falta de confiança de defesas disponíveis, caso ocorra uma situação de perigo.

Dentre as instituições destinadas a promover cidadania, a escola, anteriormente lugar de aquisição da educação formal e ambiente seguro, do ponto de vista da integridade física e proteção de bens materiais dos seus membros passou a integrar o conjunto dos lugares que despertam o sentimento de medo do crime, em razão do crescimento das ações delituosas que ocorrem intramuros e no seu entorno, e que provocam temor entre os atores sociais que convivem nesse espaço.

Não obstante as adversidades decorrentes desse panorama, as instituições de ensino necessitam seguir com seus propósitos educacionais e sociais, promovendo o exercício da cidadania a partir da compreensão da realidade com vistas a contribuir para a transformação do aluno-cidadão.

Inseridas nos espaços urbanos, as escolas vivenciam o clima de insegurança e de medo instaurados pela criminalidade de seu entorno, a exemplo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Professor Nagib Coelho Matni”, localizada no bairro Coqueiro, área periférica da cidade de Belém, onde constam elevadas taxas de criminalidade, e a maioria da população é de baixa renda, carente de serviços públicos, transporte, saúde e segurança.

Considerando-se que as transgressões criminais são recorrentes e se manifestam cada vez mais violentas no bairro e no entorno da Escola, conforme os registros de homicídios e roubos apresentados na segunda seção deste artigo, a sensação de insegurança aumenta o sentimento de medo na comunidade escolar e provoca constante desgaste emocional na maioria das pessoas que faz parte desse grupo, uma vez que o medo se potencializa quando o organismo mantém contato com estímulos ambientais que representam sinais de perigo. Mediante a vitimização que se manifesta por meio da frequência das ocorrências criminais no entorno, o planejamento escolar sofre adequações, através de ações que visam garantir a segurança dos seus integrantes e manter a qualidade do ensino oferecida aos estudantes.

O objetivo deste estudo foi verificar em que medida o medo do crime provocou alterações na rotina pedagógica da Escola, e se essa iniciativa causou prejuízos para a comunidade escolar. A pesquisa iniciou com o levantamento dos dados de criminalidade da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará- SEGUP-PA relativos ao bairro e ao entorno da Escola; em seguida foram levantadas informações

documentais referentes às atas de reuniões e aos livros de ocorrências da Escola; posteriormente foram feitas as entrevistas semiestruturada com o gestor da Escola, com o corpo técnico-administrativo da Escola, com a liderança comunitária do entorno e, finalmente foi realizada a técnica do grupo focal com 6 (seis) professores que trabalham no turno da noite, período previamente selecionado por causa da maior incidência das ocorrências criminais. Torna-se necessário esclarecer que no período da pesquisa houve sucessivas paralisações das atividades escolares, o que dificultou a pesquisa que estava prevista com os alunos.

A comunidade da Escola Nagib Coelho Matni sofre esse tipo de medo, devido a ausência de recursos públicos ou privados, que possam garantir a segurança dentro e fora do espaço escolar.

Diante desse cenário de insegurança e constante ameaça à vida e ao patrimônio, a comunidade escolheu a preservação da integridade física e patrimonial, em prejuízo ao planejamento escolar, embora não se tenha constatado, por parte dos gestores, qualquer adequação do planejamento às reações decorrentes do sentimento de medo das pessoas, que formam a comunidade escolar. O que se percebeu foram iniciativas das próprias pessoas, vitimizadas ou não, em favor da proteção das suas vidas e de seus bens materiais o que, indiretamente, resultou em alterações no planejamento e na rotina da escola.

Frente à falta ou carência de políticas públicas de segurança que possam minimizar os números da criminalidade no espaço que a escola está inserida, a comunidade escolar se sente vulnerável, quanto à possibilidade de vitimização e experimenta o constante sentimento de medo mas, na medida do possível, tenta prosseguir realizando a missão de educar e formar cidadãos.

## **2 AMEAÇA REAL E O AUMENTO DO SENTIMENTO DE MEDO DO CRIME NA ESCOLA NAGIB COELHO MATNI**

Na sociedade contemporânea, o medo causado pela criminalidade violenta provoca um sentimento de fracasso do ideal de segurança e a ideia de que o agente causador do crime está sempre muito próximo; pois “a variedade moderna de insegurança é marcada pelo medo principalmente da maleficência humana e dos malfeitores humanos” (BAUMAN, 2008, p. 171).

Atualmente, a criminalidade violenta é uma das principais preocupações nos grandes centros urbanos, limita a liberdade dos habitantes e provoca medo e

---

inseguranças. De acordo com Silveira (2008), dentre os indicadores de violência, o homicídio<sup>2</sup> é o tipo de crime cujas medidas são razoavelmente mais apuradas e, por isso, tomadas como parâmetro quando se busca estudar os índices da criminalidade violenta.

Os crimes contra o patrimônio também ocorrem com frequência nos grandes centros urbanos, ocupando percentual considerável de registros nas unidades da Polícia Civil. Dos crimes contra o patrimônio a modalidade roubo é o que registra maior número de ocorrências e se tornou um das serias preocupações dos moradores das cidades. Dados do Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública – SINESP apontam para a evolução das taxas de roubos seguidos de morte (latrocínios) por 100 mil habitantes no Brasil, entre 2011 e 2014, onde o Estado do Pará apresenta o seguinte crescimento das taxas, para cada ano pesquisado: 0,62 em 2011, 1,66 em 2012, 1,9 em 2013 e 2,2 em 2014. Na capital, o estudo que analisou o modus operandi do crime de roubo a transeuntes de Belém mostrou a quantidade dos roubos registrados nos anos 2011 (1.053), 2012 (1.031) 2013 (1.105), e uma variação que indica aumento das ocorrências entre 2012-2013 (7,18). (CAVALCANTE; ALMEIDA; ARAÚJO, 2016).

Outro aspecto decorrente do medo da criminalidade é a perceptível fragmentação dos espaços urbanos, não no sentido ‘absoluto’, como explica Souza (2008), mas como um processo no qual a cidade torna-se cada vez mais segmentada por poderosas fronteiras invisíveis; pois, sob a influência do medo e da insegurança, morar em casas e mesmo em prédio de apartamentos sem a proteção de modernos aparatos de segurança, não é a melhor opção de moradia para os dias atuais.

Objetivando segurança, a população que possui condições financeiras favoráveis promove sua auto segregação e se abriga nos chamados ‘enclaves fortificados’ – “[...] espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho” (CALDEIRA, 2000, p. 211). Em contraponto, as pessoas que não dispõem de recursos abundantes procuram abrigo nos bairros periféricos,

---

<sup>2</sup> Nos termos do artigo 121 do Código Penal brasileiro, considera-se homicídio simples matar alguém, para o qual está prevista pena que pode variar de 6 a 20 anos. O § 2º do mesmo artigo define o homicídio qualificado como aquele cometido “I – mediante paga ou promessa de recompensa, ou por outro motivo torpe; II – por motivo fútil; III – com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou que possa resultar perigo comum; IV – à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido; V – para assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou vantagem de outro crime”. Ainda nos termos do Código Penal brasileiro, um crime é culposo “quando o agente que deu causa ao resultado por imprudência, negligência ou imperícia” o doloso “quando o agente quis o resultado ou assumiu o risco de produzi-lo”. (BRASIL, 1940).

onde os custos para a sobrevivência são moderados, mas, em geral, são áreas carentes de atendimento e de serviços públicos e, portanto, mais expostas à criminalidade violenta.

No contexto de fragmentação do espaço urbano, o espaço público tanto em sua face material (equivalente ao espaço concreto, onde a cena pública acontece) quanto imaterial (que corresponde à esfera pública, o campo de atuação no qual os indivíduos interagem) encontra-se enfraquecido e vulnerável às ocorrências criminais, pondo em risco a liberdade, a espontaneidade e a interação social desse espaço.

A violência e criminalidade violenta são fatores cada vez mais frequentes no cotidiano das cidades, mas é a percepção de risco que promove o medo como um “companheiro” cada vez mais constante. E esse medo obriga a todos a viver no limite da sociabilidade, sempre apostos às situações de risco, buscando incessantemente por segurança.

Na concepção de Silveira (2008), a criminalidade violenta resulta de um complexo sistema de causas que envolvem fatores estruturais (privação econômica absoluta e relativa), fatores situacionais (cenários de conflitos e disputas), acesso a armas de fogo e influência de drogas.

Quando as ocorrências criminais se tornam constantes em um determinado espaço comprometem a capacidade dos moradores de desenvolverem, com tranquilidade, algumas de suas necessidades básicas, como: alimento, abrigo, afeto, sentimento de pertencimento, autoestima, autocuidado e envolvimento nas questões coletivas, porque temem o simples ato de circular pelas ruas. A expectativa de se tornar vítimas da criminalidade passa a ser incorporada no cotidiano das pessoas.

É o que sentem os moradores do entorno da Escola, localizada no bairro Coqueiro, precisamente na Avenida Central do Conjunto Ariri Bolonha, entre a Passagem Iracema e a Travessa 14. Neste bairro existem áreas de invasão em terrenos vazios, em conjuntos habitacionais inacabados (devido a problemas de financiamento) e nas imediações dos condomínios de alto padrão. São espaços habitados por pessoas de baixa renda, que demonstram condições econômica e social precárias, e que não dispõem de equipamento e serviços urbanos. São também espaços segregados, em função da disseminação de informações sobre os constantes atos de violência e criminalidade local, veiculadas pela mídia, em especial nas áreas que circundam a Escola.

---

Os moradores do bairro consideram as ruas laterais da Escola muito perigosas, porque as residências foram construídas apenas em um dos lados, enquanto o outro lado é ocupado pelo muro da Escola (Fig. 1), o que facilita a ação dos criminosos devido a pouca circulação de transeuntes.

Figura 1: Avenida Central do Conjunto Ariri Bolonha, localização da Escola Nagib Coelho Matni.



Fonte: Arquivos da pesquisa- 2015.

Para Jacobs (2011) ruas com essa configuração possuem menor quantidade de usuários, tornando-a insegura, pois é o quantitativo de pessoas que trafegam pelo espaço que indica a preservação da segurança das ruas. A autora defende que a cidade reflete o que ocorre em suas ruas e calçadas, ou seja, se as ruas forem palco de violência e medo, a cidade será insegura. “Quando as pessoas dizem que uma cidade, ou parte dela, é perigosa ou selvagem, o que querem dizer basicamente é que não se sentem seguras nas calçadas.” (JACOBS, 2011, p.29).

Em termos de criminalidade, as estatísticas da SEGUP-PA apontam elevado número de ocorrências de roubos no bairro e nas ruas próximas à Escola. Esse tipo de crime superou, significativamente, o número das ocorrências de homicídios entre os anos 2009- 2014<sup>3</sup>. Os dados diferem da dinâmica espacial da violência, baseada nos indicadores socioeconômicos, defendida por Beato Filho (2012) e Souza (2008), a qual indica maior número de ocorrências de crime contra a pessoa em áreas de periferia (com predominância de moradores de baixa renda e serviços urbanos escassos), enquanto as ocorrências de crime contra o patrimônio seriam mais frequentes em áreas onde há maior riqueza e circulação de bens (predominância de moradores mais abastados e maior desenvolvimento urbano). Beato Filho afirma que

---

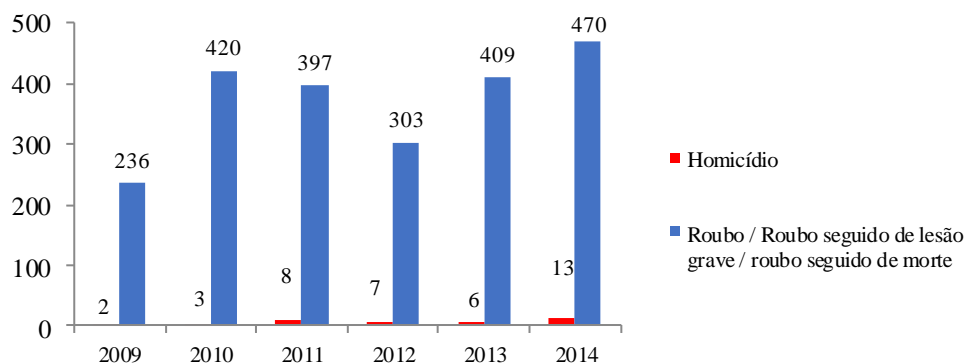
<sup>3</sup> Serie temporal disponibilizada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará- SEGUP-PA

as condições socioeconômicas de uma determinada região interagem proximamente com o grau de criminalidade do local.

Apesar de não apresentarem causas que as conectem, as condições socioeconômicas e a criminalidade podem estar associadas e isso pode ser determinante para a criminalidade. Esses dois aspectos sociais são também considerados intraurbanos nas análises da distribuição espacial da violência, as chamadas “áreas vermelhas” ou *hot spots*<sup>4</sup>.

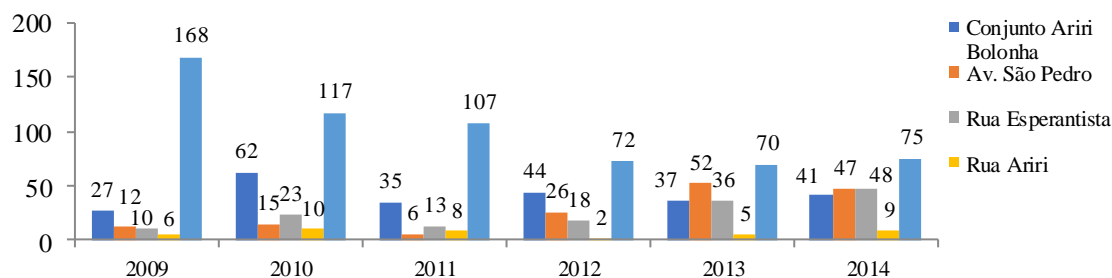
As ocorrências de roubos e homicídios no bairro Coqueiro estão apresentadas na figura 1 que indica a disparidade das estatísticas entre os diferentes crimes, e a expressiva ocorrência de roubos. Na figura 2 consta a estatísticas de ocorrências de roubos nas principais vias de acesso e no conjunto habitacional Ariri Bolonha, onde está localizada a Escola.

Figura 2: Números de homicídios e roubos no bairro de Coqueiro, 2009- 2014



Fonte: SEGUP/PA – SISP

Figura 3: Números de roubos nas principais vias de acesso à Escola Nagib Coelho Matni, 2009- 2014



Fonte: SEGUP/PA – SISP

<sup>4</sup> Termo em inglês para identificar áreas territoriais onde ocorre intensa criminalidade violenta. Manchas quentes (BEATO FILHO, 2012).

---

Os gráficos tornam visível a criminalidade no bairro e a consequente sensação de insegurança e medo nas ruas que circundam a Escola. Na opinião de Rolim (2006) é pela intensidade do sentimento de medo que as pessoas evitam circular pelas vias públicas, principalmente no período noturno, permanecendo em suas próprias casas, durante a maior parte do tempo livre. Essa prática traz como consequência o isolamento progressivo que enfraquece ou destrói as relações sociais da comunidade e, na medida em que os laços comunitários se enfraquecem e as atividades sociais desaparecem, a vigilância natural (oferecida pela simples presença das pessoas) deixa de existir, estimulando a ação de infratores e as práticas transgressoras.

As pessoas que se sentem ameaçadas vivem essa sensação como uma realidade incontestável, independente do grau de correspondência dessa percepção com os riscos concretos de vitimização. Seguindo essa premissa, quando alguém está atemorizado não se importa com as explicações sobre probabilidades de vitimização, deseja apenas proteção. Para Rolim (2006) e Souza (2008), a sensação de medo deve ser enfrentada com políticas de segurança específicas, que merecem mais atenção e estudo. Se a criminalidade nas ruas é frequente, a população sentirá medo e buscará meios de se expor o mínimo possível às situações que indicam perigo.

Um exemplo de estratégia para minimizar o risco de vitimização consta no relato de uma estudante do turno da noite, de uma escola pública estadual de Belém, que foi noticiado pela imprensa local no dia 30 de setembro de 2012<sup>5</sup>. A estudante conta que após ter sido assaltada próximo à escola, prefere perder as últimas aulas e antecipar sua volta para casa, para não ser vítima de “arrastões”. Afirma que é comum a presença de assaltantes no entorno da escola, a espera de uma oportunidade para praticar delitos, e que toda a comunidade escolar se sente atemorizada e insegura.

Nos Livros de Ocorrências da Escola Nagib Coelho Matni consta registros de uso de drogas, por pessoas que não pertencem à comunidade escolar; ameaças de invasão; roubos e furtos; arrombamentos, saques de aparelhos eletrônicos e da merenda escolar; brigas entre alunos, além de pessoas com atitude suspeita, no entorno da escola, ameaçando a integridade física de funcionários e alunos. Também

---

<sup>5</sup> Disponível em:

<[www.noticias.orm.com.br/noticias.asp?id=6114808&7Cbandidos+dao+as+cartas+nas+zonas+vermelhas+#.VQXsqNLF\\_1y](http://www.noticias.orm.com.br/noticias.asp?id=6114808&7Cbandidos+dao+as+cartas+nas+zonas+vermelhas+#.VQXsqNLF_1y)>. Acesso 14 jan. 2015.



constam as chamadas à Polícia Militar-PM-PA, feitas pela direção da escola, por ocasião dos atos criminosos referidos. A resposta da PM-PA foi intensificar as rondas da Companhia Independente de Policiamento Escolar – CIPOE porém, nos dias subsequentes ao acontecimento, a ronda voltava a ser esporádica e sem regularidade.

Essa forma de agir do poder público contribui para acentuar a vulnerabilidade e o descrédito da segurança pública, pois indica que a proteção da polícia só ocorre em situações extremas, o que provoca o aumento do sentimento de medo da população, ameaçada pela criminalidade. Ao mesmo tempo, os criminosos estão cientes da falta de continuidade da presença da polícia no local, que fica desprotegido na maior parte do tempo e, portanto, favorável ao crime, apesar de reconhecermos que a solução para este problema não se limita à presença ostensiva da polícia, mas requer um conjunto de iniciativas estruturais. No caso da Escola Nagib Coelho Matni, as ações momentâneas de segurança da PM-PA, entre outros aspectos que colaboraram para o medo do crime favoreceram as alterações no planejamento e na rotina da escola.

### **3 A ROTINA ESCOLAR SOB A INFLUÊNCIA DA CRIMINALIDADE**

A segurança do entorno da Escola é realizada seguindo o modelo reativo da segurança pública (no qual o policiamento é efetivado após denúncia ou informação de eventos transgressores). Nesses casos, a presença física de policiais nas ruas aplaca a sensação de medo e promove maior sensação de proteção e, por isso, se justifica. No entanto, essa medida de segurança não promove efeitos concretos, quanto à diminuição da taxa de criminalidade, segundo Rolim (2006).

Abramovay e Rua (2002) defendem que a falta de policiamento nas escolas e entornos, e a existência de gangues e tráfico de drogas nas proximidades são fatores que contribuem para o clima de insegurança de todas as pessoas que circulam nesse ambiente. As autoras destacam que os alunos e professores do turno da noite são, em geral, os mais prejudicados, pois muitas vezes sentem necessidade de se juntar para “[...] andar em grupos ou a buscar locais mais iluminados para evitar serem vítimas de violência” (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 103).

Para a maioria dos entrevistados, a presença do policiamento escolar traz a sensação de proteção, e esta é a única política pública de segurança que o local dispõe. Participantes da pesquisa mencionaram que o PM Box do bairro foi

---

reinaugurado, após insistentes solicitações da liderança comunitária junto às polícias militar e civil, e afirmaram que essa atitude contribuiu para diminuir o sentimento de medo das pessoas que compõem a comunidade escolar e dos moradores do entorno da Escola.

Grande parte do conjunto de profissionais que participou da pesquisa e que forma o quadro administrativo da Escola já presenciou ou foi vítima da criminalidade. O grupo destacou a condição dos alunos tanto como vítimas como autores de transgressões, e informou que as iniciativas dos gestores de coibir ações criminosas dentro da escola provocam revoltas nos alunos, e transformou os técnicos e os docentes em potenciais vítimas das violências cometidas por esses mesmos alunos.

Outra causa da insegurança e do sentimento de medo da comunidade escolar foi a descoberta de que muitos atos criminosos, ocorridos dentro da Escola são praticados por pessoas da própria vizinhança, que conhecem a rotina e a fragilidade do ambiente escolar, e que escalam o muro da escola, em horário e circunstâncias mais propícios às suas investidas criminosas.

Quando se referiram ao atendimento dos alunos que foram vítimas de atos criminosos, os gestores ressaltam o medo que esses alunos demonstraram, de que o fato se repita, e revelaram que a principal consequência da vitimização, nestes casos, é afastamento da escola, por um longo período. Há também muitos casos de alunos que deixaram de frequentar as aulas definitivamente ou pediram a transferência para escolas de outros bairros. Nos casos de perda de alunos por causa da criminalidade, não foi identificada nenhuma ação específica para trazer de volta o aluno. A ação da Escola em busca de solução para minimizar as ações transgressoras foi a participação em audiência pública – com representantes das polícias civil e militar, da Secretaria de Educação- SEDUC e liderança comunitária, após um roubo que ocorreu no turno da manhã, quando os alunos e o professor de uma turma foram assaltados por indivíduos portando arma de fogo.

Os professores referiram que se consideram os profissionais mais expostos à violência, e também os mais atingidos pelos atos criminosos dentro e fora da escola, especialmente no que se refere à violência contra a pessoa. Isso ocorre devido aos constantes conflitos que ocorrem entre eles e os alunos por causas de notas baixas e de comportamentos desrespeitosos na sala de aula.

A sensação de insegurança é constante entre os professores que se sentem reféns de seus próprios atos, a exemplo do medo das possíveis retaliações que experimentam em decorrência de avaliações que obtiveram notas negativas, principalmente porque os alunos adolescentes estão cientes do apoio legal que dispõem se praticarem qualquer delito. De acordo com os professores, os alunos se sentem com total liberdade para agirem como quiserem no ambiente escolar.

A respeito da relação professor/aluno, Abramovay (2005) pondera que alguns dos pontos de tensão referem-se à falta de respeito e consideração à figura do professor, equacionadas a indiferença à sua presença e a diminuição de sua autoridade dentro da sala de aula. A avaliação do desempenho do aluno, traduzida em nota atribuída pelo professor é uma das principais motivações para ameaças de agressões nas escolas públicas. Na opinião da autora, a maioria dos alunos age como se fosse obrigação dos professores atribuir boas notas.

Os professores ressaltaram que as condições inerentes à maioria das escolas no que se referem à estrutura física, ao número de alunos por turma, e à carga horária de aulas contribuem para o sentimento de insegurança e a constante tensão no ambiente de trabalho. Somam-se a esses os fatores macrossociais relacionados às políticas educacionais e as implicações sócio históricas que também são relevantes, nesse contexto.

Para o grupo de professores a violência na Escola tem origem, em grande medida, no contexto familiar da maioria dos alunos. São crianças e adolescentes que trazem um histórico de violência familiar, e o reproduzem no ambiente escolar por meio de desrespeito aos colegas, professores e demais integrantes da escola. Outro aspecto negativo é a instabilidade financeira das famílias, o que impede a autoafirmação pela aquisição e exposição de bens de consumo (prática valorada pela sociedade capitalista), e isso contribui para deixá-los ainda mais propensos às transgressões. Muitos jovens são atraídos por padrões sociais que as suas condições econômicas não possibilitam a inserção, impelindo-os ao crime e à violência.

Os professores acreditam que os alunos percebem a Escola como o lugar ideal para as suas práticas transgressoras, pois longe dos olhares e do julgamento dos pais, o espaço escolar é o local 'seguro' onde podem praticar livremente seus atos de vandalismo e violência, além do uso de drogas. Enfatizaram que até mesmo os ex-alunos 'pulam' o muro da Escola para consumir drogas.

---

Nos casos em que a violência vem de fora, Abramovay (2005) observa que sobressai a impotência e a dúvida de que a escola, por si, possa fazer frente, prevenir e até punir tais atos; pois esses atos de violência são impetrados por estranhos, principalmente porque esses estranhos são enquadrados como “bandidos”.

Há muita preocupação, por parte dos professores, quanto ao uso de drogas dentro da Escola, porque acreditam que essa transgressão afeta a vivência escolar, além de aumentar a condição de vulnerabilidade no qual a escola se encontra e, conseqüentemente, a sensação de medo e insegurança.

Afirmaram que a possibilidade de se tornarem vítimas de violência também é reforçada pela falta de apoio por parte dos gestores. Diante dos casos de desrespeito e de ameaças, ou da descoberta de alunos usando drogas, entre outras ocorrências de violências, o professor tem que ‘resolver’ sozinho; pois nem sempre a equipe técnico-pedagógica<sup>6</sup> está completa e disponível para auxiliá-los, e essa lacuna contribui para acirrar a situação de animosidade entre aluno e professor.

Na concepção de Abramovay (2005), quando os professores têm a sensação de que a escola é “de ninguém”, e que precisam enfrentar tudo sozinhos, a alternativa para o sentimento de insegurança, medo, abandono e impotência é o conformismo, a interiorização de situações negativas, o que acarreta graves conseqüências para os indivíduos e para a instituição. O efeito desse conformismo alcança o processo de aprendizagem na medida em que o professor passa a ignorar a qualidade do conhecimento do aluno, que pode ser identificado no instrumento avaliativo, porque fica com medo das retaliações. Frente a essa constante ameaça de violência, uma professora se posicionou dessa forma: “Ah, eu ajudo de todas as maneiras. Passo trabalho, dou ponto de participação em tudo quanto é atividade, mas mesmo assim meu carro tá todo riscado.”

Outro professor relatou:

Ainda ontem eu estava dando aula e um aluno de outra turma simplesmente abriu a porta, entrou e pegou a mochila de uma aluna que havia saído de sala. Aí, eu disse: “Camarada, eu estou na sala de aula. Tu não pode ir entrando assim”. E o aluno me encarou e disse: “Fica na tua, tio”. Eu notei que o caso poderia ficar feio e resolvi não me estressar, levei na esportiva; não valia à pena; entendeu? Mas essa é apenas uma situação entre tantas outras que a gente passa em sala de aula hoje em dia. Vocês sabem disso.

---

<sup>6</sup> Nas escolas públicas do Estado do Pará, a equipe técnico-pedagógica é composta por pedagogos ou especialistas em educação cujas atribuições são, primordialmente, participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino e auxiliar alunos e professores quanto às atividades pedagógicas (geralmente essas atribuições também são desenvolvidas pelos gestores das unidades educacionais).

Como já foi referido, o corpo administrativo também apresenta fragilidades, na medida em que sofre as consequências das suas ações contra a criminalidade no interior da Escola, e esse pode ser um dos motivos que impede iniciativas de apoio aos professores nos casos de violências. Esse é um quadro de intensa vulnerabilidade, porque atinge a todos os profissionais, os quais se protegem da violência com atitudes isoladas, conforme as suas capacidades e as suas percepções de riscos frente à criminalidade, no ambiente de trabalho.

Com o fim de evitar as ações criminosas, os professores adotam algumas “medidas de proteção”. Uma delas é não chegar e nem sair da Escola em horários regulares. Por isso chegam entre 10 a 15 minutos depois do início das aulas e saem antes do horário final. Outra medida de proteção que foi revelada consiste em não estacionar o carro na entrada da Escola, porque os alunos geralmente passam riscando os carros que estão estacionados. Os professores também informaram que houve crescente aumento de roubo de veículos nas imediações da Escola. Dois professores se manifestaram, justificando que adotam estas estratégias pelos seguintes motivos:

Eu também evito os horários de entrada e saída. Sempre chego um pouco depois da entrada e saio antes do final das aulas... mas a grande maioria dos alunos faz isso, à noite então! Eles ficam com medo de sair daqui tarde. Se eles que moram aqui tem medo, imagina a gente!

Tem aumentado muito o roubo de carros aqui nessa área. Mês passado levaram o carro do morador aqui da frente da escola. Tenho medo de ser abordado por assaltantes na hora da saída.

Mesmo sob a justificativa do risco e do sentimento de medo, a constância de chegar depois do horário que inicia as atividades e sair antes do horário final, pode ser caracterizada como absenteísmo. Para Abramovay e Castro (2003), o absenteísmo dos docentes é um dos principais problemas da escola, pois compromete o horário destinado ao aprendizado dos conteúdos, que são ministrados nas aulas. De acordo com o artigo 12, inciso III da Lei 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN), as escolas são responsáveis pelo cumprimento dos dias letivos e das horas-aula estabelecidas, elementos que compõem o **período letivo com carga horária prevista**.

Enquanto não forem encontradas medidas eficazes para conter a criminalidade urbana, especialmente aquela que se manifesta dentro e no entorno das escolas, a comunidade escolar vai recorrer aos meios que dispõe para garantir sua

---

autoproteção. A despeito de todo o prejuízo para o planejamento pedagógico que essa iniciativa possa causar, as pessoas que experimentam o sentimento de medo do crime tendem a relegar ao segundo plano outros aspectos da vida cotidiana, em favor da segurança de suas vidas, a exemplo dos profissionais que atuam na Escola em questão.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo sobre as alterações na rotina da Escola Nagib Coelho Matni, em consequência do sentimento de medo do crime experimentado pelos professores, gestores e técnicos mostrou que houve substituição de condutas estabelecidas no planejamento escolar e de hábitos cotidianos desses profissionais, por “medidas de proteção”, para minimizar os riscos da criminalidade que ocorre dentro e no entorno da Escola. Entretanto, as medidas que se relacionam às atividades escolares produzem um efeito na proposta pedagógica, com prejuízos para o aprendizado, conforme foi observado em parte da literatura que orientou esse estudo.

A iniciativa da maioria dos professores de chegar depois do horário regular e sair antes do horário previsto para o término da aula, com o fim de evitar os vários tipos de violências, que ocorrem com frequência na Escola e no seu entorno reduz o conteúdo que seria repassado durante as aulas ministradas regularmente e prejudica o período letivo, o qual estabelece o cumprimento das horas aulas necessárias ao aprendizado das disciplinas, visando a obtenção do conhecimento previsto nos diferentes níveis de educação formal.

Outro prejuízo para o aprendizado decorre da falta de rigor e de critérios para avaliar os alunos, que os professores deixam de adotar, devido ao medo das retaliações dos alunos quando recebem notas baixas nas avaliações. Ameaçados em suas integridades físicas, os professores decidem flexibilizar os instrumentos avaliativos e aproveitar, até mesmo, a participação dos alunos nas aulas como um meio de avaliá-los. Neste caso, a presença nas aulas passa a ser uma garantia para a elevação da nota nas avaliações, desfavorecendo a aquisição do conhecimento.

Ainda referente à relação aluno/professor na Escola em questão, a suposta indiferença dos professores quanto às atitudes desrespeitosas dos alunos, em função do medo das reações agressivas, fragiliza a figura do docente, diminuindo a sua autoridade na sala de aula e coloca-o numa posição de submissão frente aos

desmandos dos alunos, ao mesmo tempo em que fortalece a conduta agressiva e desafiadora do discente, o que pressupõe um desregramento moral na Escola.

As “medidas de proteção” que foram adotadas não surtirão o efeito desejado, pois o combate à criminalidade requer um trabalho complexo e de parcerias dos mais variados setores do poder público, com o apoio da sociedade civil. Entretanto essas “medidas” causarão prejuízos irreparáveis para o avanço do processo de ensino e aprendizagem, com a perda ou descontinuidade de conteúdos necessários para garantir um conhecimento sólido, que no futuro garantirá ao aluno uma oportunidade profissional.

Os referidos danos aos profissionais da educação e os prejuízos para o processo pedagógico poderiam ser minimizados pela implementação de políticas públicas de segurança, elaboradas com propósitos que superariam a capacidade policial reativa e alcançariam as expectativas cidadãs das populações dos bairros carentes, do ponto de vista econômico-social. E, acompanhando a segurança pública nesse intento, a efetividade das políticas educacionais promoveria as práticas educativas voltadas para a valorização do conhecimento, para o resgate dos princípios que orientam o respeito humano, e para o diálogo multidisciplinar e com a comunidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, INDIME, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Maria Garcia. **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.

ABRAMOVAY, Miriam (coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de violência, Ministério da Educação, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf>>. Acesso jun. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

\_\_\_\_\_. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BEATO FILHO, Claudio Chaves. **Crime e cidades**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Presidência da República – casa civil – subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em:

---

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm)>. Acesso em 08 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Artigos 5º e 12º. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2010.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34 / Edusp, 2000.

CAVALCANTE, Lucidéa Santos; ALMEIDA, Silvia dos Santos de; ARAÚJO, Adrilayne dos Reis. O modus operandi do crime de roubo a transeuntes em Belém do Pará. Planejamento e Políticas Públicas, n. 47, jul./dez. 2016.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

ROLIM, Marcos. **A síndrome da rainha vermelha: policiamento e segurança pública no século XXI**. Rio de Janeiro: Zahar; Oxford, Inglaterra: University of Oxford, Centre for Brazilian Studies, 2006.

SILVEIRA, Andréa Maria. A prevenção dos homicídios: desafio para a segurança pública. In: BEATO, Claudio (org). **Compreendendo e avaliando: projetos de segurança pública**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

## ABSTRACT

This study presents part of the results of the survey that gathered data on criminality in the outskirts of a school in the periphery of Belém-PA and identified the effects that the fear caused in the routine of the school. The objective was to verify possible pedagogical changes caused by the fear of crime and the damages to the school community. The methodological procedure included bibliographic research, documental research, semi-structured interviews, focus groups and qualitative data analysis, with the addition of criminal statistics. The result indicated that the feeling of fear altered the school routine and caused damage to the learning process.

**Keywords:** Criminality. Fear of crime. Teaching-learning process.